

## TRILHA DOS ÍNDIOS E DAS FARINHEIRA, UMA ALTERNATIVA PARA O TURISMO NA APA GUARATUBA – LOCALIDADE: CABARAQUARA

Silvia de Freitas Scremin

**RESUMO:** O presente estudo visa apresentar a Trilha dos Índios e das Farinheiras como uma alternativa para o desenvolvimento do turismo dentro da localidade do Cabaraquara, objetivando assim, estimular a participação social, tanto para o desenvolvimento socioeconômico da região, quanto para a ampliação dos níveis de conservação do patrimônio natural protegido. Através de análises bibliográficas, bem como do levantamento de dados e registros fotográficos da região de estudo. O resultado esperado com o estudo, será a elaboração de uma proposta de Trilha, a ser desenvolvida na localidade, de acordo com a realidade socioeconômica e cultural na qual se encontra inserida, envolvendo assim a comunidade como parte presente nas atividades a serem desenvolvidas em tal região.

**Palavras-chave:** Trilhas; Litoral do Paraná; Desenvolvimento.

**ABSTRACT:** This study aims to present the trail of Indians and Farinheiras as an alternative to the development of tourism within the locality of Cabaraquara, thus aiming to stimulate social participation, both for socio-economic development of the region and for the expansion of conservation levels of protected natural heritage. Through bibliographical analysis as well as data collection and photographic records of the study area. The result expected from the study will be the development of a proposed trail to be developed in the town, according to the socioeconomic and cultural reality in which it is inserted, and involving the community as part of this the activities to be developed in such a region.

**Keywords:** Trails; Coast of Paraná ; Development.

### 1. INTRODUÇÃO

O estabelecimento de áreas naturais protegidas é uma das principais estratégias para a conservação da biodiversidade e geodiversidade do mundo. Cada país, a partir de suas particularidades ambientais e sociais, define objetivos de proteção específicos. No caso do Brasil, as Unidades de Conservação (UCs) podem ser conceituadas como áreas naturais protegidas com relevante interesse ambiental, instituídas pelo Estado (Brasil, 2000). Porém, apenas a criação de UCs não garante a conservação dos recursos naturais protegidos, e é nesse contexto que se insere a perspectiva da participação social em UCs.

Apresentar um marco conceitual para o turismo de base comunitária não é uma tarefa fácil, pois, na essência é diferente conforme a localidade aonde se

encontra inserida, não há modelos próprios, dado a diversidade de contextos, histórias, lugares e personagens, e é esta multiplicidade de fatores que faz de cada iniciativa diferenciada e única em todos seus contextos. Tentar compreender essa diversidade e aprender com ela é um desafio em cada novo aprendizado, pois a memória de um lugar é construída pelas histórias, conflitos, encontros e desencontros, a luta pela posse da terra, pela preservação do meio ambiente ou mesmo pelo direito ao modo de vida tradicional das comunidades.

Palavras e expressões como participação, protagonismo social, empoderamento, afirmação cultural, benefícios diretos, ganham destaque nesse contexto e começam a se articular com o tema da conservação ambiental. Sansolo, 2003.

O turismo visto por este modelo trabalho, não é isento de riscos ou ameaças; a comunidade deve conhecê-los e debater sobre estes antes de iniciar um negócio e durante todo o seu ciclo de vida, a fim de salvaguardar seus interesses e minimizar os efeitos indesejáveis. A realidade de conflitos, especulação imobiliária e movimentos sociais de resistência não é uma novidade na história da ocupação do litoral brasileiro. Estades (2003), descreve o litoral do Paraná como uma região de conflitos ambientais e sócio econômicos. O maior remanescente contínuo de Mata Atlântica do Brasil, hoje se encontra no Paraná, onde ainda podem ser encontradas espécies raras de flora e fauna, além de praias, ilhas e baías, que propiciam momentos de lazer, a prática de esportes náuticos, pesca esportiva, entre outros atrativos.

## **2. APA GUARATUBA**

A APA Guaratuba é um importante local para recreação e educação ambiental, proporcionando interação entre a população e o meio ambiente, criada pelo Decreto Estadual 1.234, de 27 de março de 1992, tem por objetivo compatibilizar o uso racional dos recursos ambientais da região, e a ocupação ordenada do solo, proteger a rede hídrica, os remanescentes da floresta atlântica e de manguezais, os sítios arqueológicos e a diversidade faunística, bem como

disciplinar o uso turístico e garantir a qualidade de vida das comunidades caiçaras e da população local. (Plano de Manejo da área ambiental de Guaratuba).

A APA - Guaratuba possui duas Unidades de Conservação, as quais ainda não possuem Plano de manejo e um Parque municipal ainda em fase de implantação como Parque Municipal Natural.

- Parque Estadual do Boguaçu, constituído pelo Decreto Estadual no 4.056, de 26 de fevereiro de 1998, com cerca de 6.052 hectares localizados no entorno dos rios Boguaçu e Boguaçu Mirim;
- Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange (Figura 1), criado pela Lei Federal nº 10.227/2001) com cerca de 24.267,914 hectares, localizado no lado leste da APA;
- Parque Municipal Natural Lagoa do Parado, criado conforme Decreto Municipal nº 1626/96, envolvendo a Lagoa do Parado e seus afluentes.

**FIGURA 1: APA Guaratuba**



Fonte: IPARDES, 2009.

No Brasil, as UCs enfrentam conflitos estruturais que justificam a baixa efetividade e participação social na gestão, como: indefinições quanto a populações humanas, em especial comunidades tradicionais, dentro das UCs; falta de regularização fundiária; escassez de recursos humanos e financeiros; instabilidade política das instituições governamentais. Oliveira (2012) destaca que a falta de regularização fundiária é um problema que afeta a maioria das UCs brasileiras. As áreas protegidas de proteção integral requerem a desapropriação de propriedades privadas pelo Estado, sendo este processo que provoca desentendimentos entre UCs, comunidades locais e proprietários rurais. Morales (2001) acredita que a incorporação da interpretação no planejamento turístico de áreas protegidas não só ajuda a reduzir os impactos negativos que os turistas podem provocar, mas também auxilia na justificativa da existência de tais áreas, divulga os valores do meio e inclusive fomenta o apoio cidadão a diversas tarefas empreendidas pelos órgãos encarregados da conservação. Trilhas em Unidades de conservação são vistas como instrumento de preservação, de apreciação, e de educação ambiental. A existência de uma trilha frequentada por visitantes afasta usuários indesejados, e preserva quilômetros quadrados ao redor.

### **3. DESLOCAMENTOS E TRILHAS**

As tribos nômades se deslocavam em busca de melhores áreas de caça, onde poderiam encontrar melhores alimentos, água e segurança. Não era um ser estático e se colocou em movimento, seguindo seu instinto de sobrevivência e segurança para sua tribo.

O homem pré-histórico se deslocava em busca de alimentos e proteção, respondendo ao instinto natural de sobrevivência e defesa. Algumas vezes a fome era a principal responsável pela evasão dos indivíduos de sua sociedade. Para os que fugiam era a oportunidade de conseguir alimentos em outras paragens; para os que ficavam era o consolo de poder ter um quinhão um pouco maior na repartição dos alimentos que ainda existiam. O desejo de conquistar mais provisões e até mesmo riquezas dos outros povos motivou o empreendimento de viagens para o domínio de outros territórios (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2004, p. 17).

O ato de caminhar, se deslocar, é tão antigo e inerente ao ser humano desde o início dos tempos. Provavelmente as mais antigas trilhas surgiram como consequência direta dos movimentos migratórios dos grandes mamíferos, principalmente herbívoros, fugindo do inverno rigoroso. O ser humano começou a utilizar e/ou estabelecer trilhas para vários fins, desde a simples procura de alimento (trilhas para caça) e água, até peregrinações religiosas, viagens comerciais e ações militares. As trilhas, usadas originalmente apenas como meio de deslocamento, aos poucos foram incorporadas à indústria do lazer e turismo.

Trilha é uma palavra decorrente do latim “tribulum” que tem na sua origem o significado de caminho, rumo, direção. Inicialmente, a principal função das trilhas era suprir as necessidades de deslocamento, em busca de alimentos, ações militares e outros (BOÇON, 2002). Segundo Serrano (2001), o turismo em áreas naturais seria decorrente do desejo de fuga para a vida cotidiana, um retorno de uma vida mais ligada a harmonia entre homem e natureza, com o objetivo de resgatar costumes e até mesmo tradições dos modelos de sociedades do passado. Trilhas são práticas atrativas, pois cada vez mais pessoas buscam lugares para se aproximarem do ambiente, são o caminho para que se possa desfrutar das áreas naturais de maneira organizada, segura e consciente, possibilitando a preservação do ambiente natural. Quando planejadas e manejadas adequadamente, servem de proteção ao usuário e ao ambiente, além de assegurar maior conforto e segurança ao caminhante (Dias & Queiroz, 1997).

Segundo a EMBRATUR (1994, p. 9), as trilhas são corredores de circulação bem definidos através dos quais os visitantes são conduzidos à locais de grande beleza natural para observação da natureza.

O uso turístico da trilha possibilita a realização de passeios, observação da fauna e flora, conhecimento histórico e prática de *trekking*. Realizar uma trilha pode ser considerada uma atividade turística em si que, estruturada nos moldes da sustentabilidade, planejadas e em condições apropriadas para uso, possibilita diminuir os impactos do turismo; além de proporcionar aos visitantes, conforto, segurança e conscientização ambiental. Atualmente, existem diversas trilhas que passam a ser consideradas como atrativos turísticos de áreas protegidas, como é o caso de muitas existentes no litoral paranaense, as trilhas dentro destas localidades

são conhecidas por seus moradores que as utilizam como meio de passagem, deslocamento de uma localidade para outra, deixando o caminho marcado, sulcado pelo constante andar, pelo mesmo local indo assim marcando indelevelmente o caminho a seguir. A principal função das trilhas sempre foi suprir a necessidade de deslocamento, porém ao longo dos anos houve uma alteração de valores em relação às trilhas. De simples meio de deslocamento, elas surgem como novo meio de contato com a natureza, a trilha será o meio pela qual o turista irá se locomover por um determinado local, tendo as mais claras orientações necessárias para poder desfrutar de seu passeio junto da natureza de uma maneira planejada, segura e consciente. Trilhas de recreação, passeio ou de uso público são para todo mundo, elas nos permitem voltar a nossas raízes primitivas. As trilhas ajudam as pessoas a extrair algum sentido de um mundo cada vez mais dominado por automóveis, calçadas e concreto, elas valorizam nossa herança e nos põem em contato com nossos ambientes naturais, nos confortam a alma, nos desafiam o corpo, e nos permitem praticar habilidades pouco exigidas no dia-a-dia. Segundo Andrade & Rocha (1997), as trilhas utilizadas atualmente, para o ecoturismo que anteriormente eram usadas para deslocamento, apresenta o seguinte problema: não recebem qualquer tipo de manutenção; quase todas sofrem o problema de erosão e há pontos críticos com relação à segurança; frequentemente desaparecem tomadas pelo mato devido ao desuso. Algumas ainda apresentam bifurcações que não levam a lugar algum.

Segundo Brambatti (2011), inicialmente, a ocupação turística do litoral paranaense foi feita por pessoas de maior poder aquisitivo que recorriam ao mar apenas para banhos medicinais; no decorrer dos anos essa pratica teve influência da moda e pelo tempo ocioso, transformando-se em atividade turística. As principais potencialidades do turismo no Litoral do Paraná estão ligadas às áreas naturais, ou seja, ao meio ambiente. A evidência da natureza também é vista como um atrativo de turistas, pois a Natureza em si remete a lazer, aventura, harmonia paz e descanso. Atualmente, as principais motivações de viagem para o litoral paranaense estão associadas primeiramente, ao segmento de “sol e praia” 23%, no entanto, o contato com a “natureza” 20% e “lazer” 12%, que podem ser propiciados pela

realização de trilhas, se encontram em segundo lugar, pois somam 32% (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009).

Sendo assim, foi avaliado a viabilidade de tornar a Trilha dos Índios e das Farinhas, como um novo atrativo turístico, pois a localidade já é bem conhecida pelos visitantes por seus restaurantes e pela criação de ostras servidas no local. Para isso através da aplicação on line de questionários, foi verificado o interesse por parte de turistas reais e potenciais, sobre a realização de trilhas, também foi avaliado as condições de acesso, uso turístico e atratividade da trilha. Sendo utilizado o levantamento fotográfico das condições atuais da trilha, se constatou que realmente há o potencial, a rica fauna e flora da região podem ser apontados como atrativos naturais, porém como a trilha ainda necessita de maiores intervenções a serem realizadas para melhor tráfego de visitantes com a correta delimitação, marcação, manutenção e outras melhorias. Foram elencados 10 atrativos diversos, sendo os critérios utilizados como pouco, muito ou nenhum interesse. Assim, a partir deste levantamento verificou-se o interesse por parte dos entrevistados em outras atividades diferenciadas além do segmento de Sol e Praia.

	<b>MUITO INTERESSE</b>	<b>POUCO INTERESSE</b>	<b>NENHUM INTERESSE</b>	<b>NÃO OPINARAM</b>
Caminhada na orla	96	18	2	7
Trilhas no entorno da Baía	82	13	3	8
Banho de sol/mar	46	30	5	25
Visita a comunidades	44	22	26	14
Visitas a Sambaquis	70	16	9	11
Participar de eventos	66	18	10	12
Participar de baladas / shows	38	36	14	18
Passear pelo centro	50	36	10	10
Conhecer fazendas de ostras	58	23	10	15
Visita a restaurantes no Cabaraquara	60	17	12	17

Uma trilha bem construída se faz de vital importância quanto a sua conservação e os meios que serão usados para construí-la de maneira que os

prejuízos ao meio ambiente sejam os menores possíveis, de modo a deixar o ambiente em sua forma original mais intacta possível, deve ser resistente e adequada ao espaço a que se destina. Para a formatação de uma trilha se faz necessário, planejamento, conhecimento técnico do local, de sua flora e fauna, elaboração de um plano operacional de fluxo de pessoas, qual a demanda de carga adequada à visitação, informações sobre o local a ser visitado apresente indicativos (placas informativas), com uma linguagem fácil de interpretar esteja disponível ao turista visitante, contribuindo para um melhor relacionamento com a população local, estabelecendo assim um equilíbrio dinâmico entre todas as partes envolvidas. As trilhas têm de contemplar em seu planejamento vários requisitos como formato, distância, nível de dificuldade, se vai ser guiada ou autoguiada, entre outros aspectos quanto a solo, fauna e flora.

Segundo Carvalho, (2002, pag.48), as trilhas em áreas naturais devem ter as seguintes características a serem seguidas:

- Ser prazerosa: sendo interessante, cativante, divertida, prendendo a atenção da audiência, não devendo ter um ar de formalidade;
- Ser significativa: que relacione o conteúdo da interpretação com algo que já conhecemos ou vivenciamos;
- Ser organizada: ter uma estrutura coerente, sendo assim acompanhada com facilidade, não exigindo muito esforço dos visitantes;
- Ser provocante: fazer o visitante refletir sobre um fato que lhe é apresentado;
- Ser diferenciada: elaborar programas interpretativos diversificados, pois os visitantes possuem perfis diferentes.

As trilhas podem ter várias classificações: quanto ao grau de dificuldade, (leve 0 -10%, média 10 -20%, difícil 20 – 50%, muito difícil 50 -100%, alpinismo > 100%), estes valores de classificação, conforme estudo realizado por Dias (1986), foi proposto com base na rampa média ao longo dela. Quanto à distância a ser percorrida, (curta: com máximo 500 m, média: até 1.500 m, e longa: superior a 1.500 m), quanto ao seu formato, (circular, linear, atalho, em formato de oito), quanto ao nível de dificuldade durante o percurso, (trilha leve com distância de até 500 m,

exigindo pouco esforço físico, sem apresentar obstáculos e não exigindo qualquer técnica específica, trilha moderada com distância de até 1.500 m, exigindo esforço físico moderado, apresentando pequenos obstáculos, como desníveis, escadas, pedras, troncos, riachos, mas não exigindo técnica específica, trilha avançada: distância superior a 1.500 m, exigindo esforço físico intenso, apresentando obstáculos e exigindo o uso de técnicas específicas, como natação e escalada). Quanto ao recurso de interpretação (Rocha, 2006) apresenta duas maneiras: trilhas guiadas ou autoguiadas, sendo guiada, aquela realizada com acompanhamento de um guia/condutor, tecnicamente capacitado para estabelecer um bom canal de comunicação entre o ambiente e o visitante, oferecendo segurança a todos na caminhada e autoguiada, na qual permite o contato do visitante e o meio ambiente sem a presença de um guia. Recursos visuais, gráficos e outros orientam a caminhada, com informações de direção, distância, elementos a serem destacados como árvores nativas, plantas medicinais, ocorrência de comunidades de animais, mata ciliar, recursos hídricos, raridade geológica, indicações arqueológicas entre outros pontos de interesse que proporcionam ao caminhante uma trilha segura e atrativa.

Conforme apresentado, a implantação de uma trilha tem de ser feita conforme o local onde será instalada, respeitando as próprias particularidades locais do trajeto, a partir da definição do traçado após estudos feitos no local de instalação, onde seja priorizado o traçado de trilhas já existentes no local sendo feita sua revitalização com as devidas proporções quanto a degraus para transposição de locais, áreas de clareamento, serrapilhamento, segurança, delimitação e demarcação dos atrativos durante o percurso. Enfim, a formatação de uma trilha depende da articulação entre o local em questão, municípios, poder público, os recursos naturais disponíveis e o planejamento necessário para sua real efetivação. Não existem duas trilhas iguais, seja em formato, em declividade, acesso, atratividade, cada trilha é única por suas particularidades e atratividades diferenciadas que apresentam, bem como a experiência em seu passeio, cada trilha carrega suas histórias, lendas e a beleza de sua flora e fauna. Todos esses elementos tornam o contato entre a natureza e o ser humano, mesmo que por uma breve duração de tempo, uma experiência única.

Guaratuba recebe uma média diária de 4.538 pessoas a mais nos balneários do município, na alta temporada. Sendo que na baixa temporada durante o restante do ano este número é diminuto com exceção de feriados prolongados aonde se nota um aumento no fluxo de turistas nestas ocasiões, a tendência é de relativa ociosidade dos equipamentos urbanos, turísticos e de lazer, sendo a baixa temporada muito sentida economicamente por toda a população.

#### 4. ANÁLISE E AVALIAÇÃO DO ATRATIVO

Trilha dos Índios e das Farinheiras, em 2011 teve alguns trechos revitalizados, devido a realização da 1ª edição do Circuito Caiobaraquara, parte integrante das Caminhadas da Natureza no Litoral Paranaense, a qual em cada edição recebe em torno de 300 a 500 caminhantes, foi feita a implantação de degraus para os acessos em declive e cordões de isolamento em pontos críticos ao longo da Trilha. Para ser efetivada como um atrativo turístico necessita de melhorias em sua infraestrutura e sinalização para receber os turistas.

**FIGURA 2: Trilha dos Índios e das Farinheiras**



Fonte: Gazeta do Povo, 18/01/2012.

Conforme levantamento fotográfico feito in loco, na Trilha dos Índios e das Farinheiras, nota-se claramente que há potencial para ser efetivada como um atrativo turístico, com a devida melhoria necessária, pois era usada como uma trilha de acesso entre a Prainha e Cabaraquara. Conforme dados levantados foi elaborado o seguinte quadro com as características da Trilha dos Índios e das Farinheiras.

Nível da caminhada	Leve a moderada
Duração da caminhada	Aproximadamente 20 minutos
Localização	Propriedade particular
Largura da área de pisoteio	Entre 30 a 45cm em alguns pontos
Declividade	Suave transporta com degraus

Durante levantamento de campo na área de pisoteio do início da Trilha, nota-se que existe uma grande compactação do solo na área central, e também a falta de uma área marginal. Segundo Magro (1999, p. 26), “[...] quando o pisoteio é frequente, o solo é compactado e a matéria fragmentada, aumentando sua susceptibilidade à erosão”. No exemplo estudado, os degraus da trilha, não possuem uma continuidade padrão em sua largura, o que viria a proteger melhor a área de pisoteio no local, tornando-o mais “harmônico”. Em alguns pontos a trilha se fecha, não existe área de clareamento em nenhum local, o clareamento permite a livre circulação do visitante sem esbarrar em galhos, cipós, árvores, raízes e vegetações rasteiras na superfície de pisoteio, o que não acontece em tal trilha, tendo de ser tirado com as mãos pelo transeunte. Não há um corredor ou vala para escoamento da água da chuva, o que contribui para a erosão, em muitos pontos nota-se árvores com suas raízes expostas, o que pode vir a acarretar além da pouca sustentação, a morte da mesma por contaminação de fungos e bactérias. Quanto à segurança, não se apresenta nenhum guarda corpo ou qualquer outro tipo de proteção nos locais mais íngremes, que apesar de não ser de grandes proporções é perigoso para a segurança do visitante, principalmente para crianças e pessoas com dificuldades motoras de locomoção. Em ambientes como este, se faz necessário em seu plano de manejo a manutenção do local para que a trilha se mantenha sempre limpa, acessível e atrativa ao visitante, é um fator primordial a conservação deste ambiente. Segundo os moradores, na localidade pode-se observar bugios, (Alouatta

fusca), também conhecido por guariba em algumas regiões, jaguatirica (*Leopardus pardalis*), arara azul ou araraúna (*Anodorhynchus hyacinthinus*), arara vermelha ou arara macau (*Ara chloropterus*), tucano amarelo (*Ramphastos toco* Müll.), tucano vermelho (*Ramphastos tucanus*) entre outras espécies.

A trilha foi usada, até o Séc. XX, como um dos principais trajetos da população para o comércio na região.

## 5. CONCLUSÃO

O “desenvolvimento” que a sociedade vem conquistando ao longo do tempo faz com que as áreas naturais estejam cada vez mais restritas a pequenos espaços como parques em grandes centros.

No litoral do Paraná, remanescentes da Mata Atlântica são atraentes ao turista que busca estar em contato, ter a experiência de pelo menos conhecer este bioma, a partir de passeios em trilhas, que aliem a conservação ambiental com o desenvolvimento das populações que vivem em torno das UCs, onde estão situadas trilhas com este potencial. O planejamento da trilha deve levar em consideração os fatores ambientais e sociais, sendo que os ambientais estão ligados aos recursos hídricos, solo, fauna, flora e vegetação nativa; e os sociais ligados a comunidade local. O visitante que se dirige a esta região, em algum momento terá a necessidade de alimentação, hospedagem e transporte até alguns atrativos de preferência com guias locais que conheçam sua localização e suas particularidades, além de levar uma lembrança da localidade, criando assim oportunidades de geração de renda para aqueles moradores que estiverem aptos a trabalhar com a condução em trilhas e com os serviços turísticos agregados.

Conforme dados obtidos com as entrevistas, que comprovaram o interesse por parte dos visitantes em passeio por trilhas, e em diálogos com moradores da localidade Cabaraquara, demonstrou-se receptividade frente a propostas de melhorias na instalação e infra-estrutura da Trilha dos índios e das Farinheiras. Ainda dentro da área de estudo delimitada, há várias possibilidades e locais para que novas trilhas sejam instaladas, sendo que se trata de uma atividade propícia para turismo de baixo impacto.

Porém como se trata de uma proposta nova, necessita de um modelo aonde seja levado em conta os anseios da população local, bem como atendendo a legislação vigente, porque as trilhas existentes na região, apesar de serem utilizadas com frequência por moradores da região como trilhas de passagem, um caminho de acesso entre a Prainha e Cabaraquara, ainda não possuem condições adequadas para visitação, nem um plano de manejo para demanda de carga, sendo assim este é um trabalho a ser executado a médio e longo prazo, devendo ter um rigor no atendimento dos seus elementos básicos, para que o projeto não venha a ser usado apenas como um rótulo de interesse comercial e sim utilizado para ajudar a promover o litoral paranaense.

As trilhas pré-existentes, dentro da APA ainda estão em fase de formatação, apesar de terem potencial pouco explorado é possível que, com a melhoria da infraestrutura pré-existente, estudos e planejamentos para demanda de carga, serviços para atendimento ao turista, entre outras. A melhoria da infraestrutura, planejamento e posterior divulgação são uma das primeiras atividades a serem feitas, sendo que envolve não somente o bem-estar dos turistas, mas também a comunidade local, assim, os benefícios à comunidade, podem acontecer, com o incremento das trilhas, para que esta exploração simplesmente não fique na mão de empreendedores externos.

É propício ressaltar que a capacitação de condutores locais, melhorias de acesso bem como em sua sinalização e demarcação dos pontos de interesse de forma clara e de fácil entendimento tornaria a trilha ainda mais atrativa para todas as idades que estariam desfrutando de um novo conhecimento em conjunto com o meio ambiente, durante um passeio agradável.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. **Manual de Trilhas: Um Manual para Gestores.** São Paulo, 2008. Secretaria do Meio Ambiente – Série Registros. Instituto Florestal. São Paulo, 2008.

BRAMBATTI, E.L. **Caminhada na Natureza: Uma Alternativa de Turismo Extratemporâneo nos Municípios Balneários do Litoral do Paraná.** UFPR Litoral, Julho de 2015.

ESTADES, N. P. **O Litoral do Paraná, entre a Riqueza Natural e a Pobreza Social.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, Editora UFPR n. 08, 2003, p. 25-41.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Litoral do Paraná.

NATALINO, M. J. **Coletânea Guaratuba.** Prefeitura Municipal de Guaratuba. Guaratuba, 2004.

OLIVEIRA, E. A. **O Parque Nacional dos Campos Gerais: Processo de Criação, Caracterização Ambiental e Proposta de Priorização de Áreas para Regularização Fundiária.** Tese (Doutorado). Departamento de Pós-graduação em Engenharia Florestal, UEPG: 2012.

QUEIROZ, O. T. M. **Turismo e Ambiente: Temas Emergentes.** Campinas, SP: Alinea, 2006.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como Fenômeno Humano: Princípios para se Pensar a Socioeconomia e sua Prática sob a Denominação Turismo Comunitário.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANSOLO, D. G.; CRUZ, R. C. A. **Plano Nacional do Turismo: Uma Análise Crítica.** Caderno Virtual de Turismo, v. 3, n. 4, 2003.

YASOSHIMA, J. R; Oliveira, N.S. **Antecedentes das Viagens e do Turismo.** In: Rejovvski, M. (Org) Turismo no Percurso do Tempo. São Paulo: Aleph, 2002.